



Director literario:

Alcides Campa
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE



POR LIDIA RODRIGUES LOURENÇO

Desenhos de EDUARDO MALTA



AVIA numa terra, há muitos anos, um rei muito mau, que tinha um filho de três anos, a quem muito amava. Era, porém, este rei viuvo, e, sabendo que havia um feiticeiro que explicava o futuro, quis lá ir saber a sorte de seu filho.

O feiticeiro, depois de meditar um pouco, disse:

—Rial Senhor, o principe, vosso filho, terá uma vida longa e feliz, áparte umas simples contrariedades. Casará com

uma jovem de rara beleza, que terá um sinal em forma de estrela no ombro direito, a qual não será, porém, nem rica nem rica nem nobre.

O rei, quando isto ouviu, ficou furioso, e pensou logo em dar cabo da creança, pois, jamais, consentiria que seu filho casasse com uma rapariga do povo. Foi para o palácio e ordenou que alguns dos seus cortezãos fossem á procura da pequena e a levassem á sua presença. Estes partiram em busca da menina, mas, por mais que procurassem, não encontraram nenhuma creancinha com o tal sinal no ombro.

Muito desanimados, iam voltar ao palácio, quando, ao pasarem ao pé de uma choupana, ouviram chorar uma creancinha; entraram, pretextando sede, e puderam ver que era uma menina e tinha o tal sinal de que o bruxo falara. Foram logo dar parte ao rei, e, este, ordenou que, immediatamente, trouxessem á sua presença a mulher e a creança.

A pobre mulher, quando viu o modo do rei e o seu aspecto carrancudo, pegar na sua querida filha, gritou, em altos brados, ao rei, que lhe não fizesse mal, mas, este, sem atender aos seus gritos, ordenou que levassem a menina e a dessem aos lobos da floresta.

A pobre mãe, quando isto ouviu, caiu como que fulminada, para jamais se levantar; enquanto sua filha era levada pelo mordomo do rei, homem bondoso e de bom coração, para cumprir as ordens reais. Este, porém, comovido com o choro da creancinha, em lugar de a levar para a floresta, levou-a para casa de uma familia, sua conhecida, que vivia para lá da floresta, numa casinha quasi que isolada, no meio dum jardimzinho. Depois de entregar a menina áquela boa gente, Antonio, que assim se chamava o mordomo, mais aliviado por ter salvo aquêle entesinho ás iras do rei, recolheu ao palácio, dizendo ao rei que a creança tinha sido devorada pelos lobos, á sua vista.

(Continua na página 4).



Uma Aventura no Far-West

Por ANA PINA

DESENHOS de EDUARDO MALTA



ALEXANDRE Artoff era um russo riquíssimo que vivia, há muitos anos, no Far-West. Tinha uma propriedade magnífica, inúmeros rebanhos e uma verdadeira legião de criados. Era viúvo e tinha uma filha adorável e que ele amava extremamente. Nadjá, era uma amazona admirável e uma exímia caçadora. Tanto ela como seu pai nunca tinham abandonado o traje típico do seu país, o que valorizava a beleza da

filha e a máscula elegância do pai. Várias vezes, os Peles-

Vermelhas tinham assaltado o rancho e tantas outras tinham sido repelidos por Alexandre e seus servidores. Nadjá tinha por hábito, todas as manhãs, dar um passeio a cavalo, somente acompanhada da sua aia favorita, Vera, uma bellissima rapariga. Certa manhã, em que ambas galopavam alegremente pela campina, um tiro disparado por detrás de umas moitas cortou a vida à pobre Vera, tão nova e cativante. Nadjá, quiz defender-se, mas um «laço» prendeu-lhe os movimentos, e entregou-a sem defeza nas mãos dos diabos vermelhos. Estes, soltando gritos guturais, escarpelaram a desventurada Vera, cuja negra cabeleira foi enfeitar o cinto do terrível chefe Serpente Dourada. Nadjá foi levada para o acampamento dos guerreiros. As mulheres, soltaram gritos ferozes, ao verem a formosa russa, que foi amarrada ao poste da tortura. Um grande diabo vermelho começou a atirar





afiadas facas, que se iam cravar no poste, a curta distância do rosto, divinalmente belo, de Nadjá. O feiticeiro da tribo ordenou que a pobre menina fosse queimada viva, mal aparecesse a lua. A encantadora filha de Alexandre chorava, lembrando-se da aflição de seu pai e do triste fim da sua amiga Vera. Apareceu a lua e começaram os preparativos para a horrível cerimônia. Súbitamente, ouviram-se gritos angustiosos, e Nadjá contemplou, com os lindos olhos muito abertos, os guerreiros todos prostrados soltando gemidos abafados. Volveu os olhos ao céu. Um leve sorriso lhe crispou os lábios ao ver, que o que tanto assustava os selvagens, era um eclipse. Flôr da Campina, uma rapariga vermelha muito formosa, correu para o chefe pedindo-lhe, que soltasse a virgem pálida, pois decerto era o Deus dela quem assim manifestava a sua cólera contra os índios.

Serpente Dourada disse então a Nadjá:

— Se a Virgem-Pálida rogar ao seu Deus para que retire essa escuridão que encobre a lua, será respeitada e venerada por todos os guerreiros vermelhos.

Mal a soltaram, Nadjá caiu de joelhos dando graças a Deus por a ter livrado das fúrias dos Peles-Vermelhas. Estes, viram pasmados, a lua reaparecer aos poucos. A linda menina rogou que a deixassem ir para junto de seu pai, mas em tal não consentiram, dizendo que a ida dela acarretaria desgraças à tribo. No dia seguinte, chegou o filho do chefe, acompanhado de muitos guerreiros, de volta de uma batalha contra uma tribo inimiga.

Águia Negra, o filho do chefe, vinha ferido. O feiticeiro declarou-se impotente para o curar, pois o Grande Espírito, chamava Águia Negra ao reino das caçadas eternas. Estava Nadjá muito triste na sua tenda, onde era rodeada de atenções, quando Flôr da Campina, se lhe lançou aos pés, pedindo que lhe salvasse o noivo. A formosa russa foi à tenda do juvenil guerreiro, e verificou que a ferida não era perigosa e que só a ignorância do feiticeiro faria crer em tal. A linda russa e Flôr da Campina instalaram-se junto do leito do ferido, que dentro de oito dias, já dava pequenos passeios, apoiado nas duas gentis enfermeiras. Águia Negra

tinha uma figura nobre e o seu rosto de linhas puras em, apesar da cor, notavelmente belo. Os seus olhos negros e bem rasgados, que mal se fitavam na linda Flôr da Campina, tinham uma infinita ternura ao fixarem o rosto encantador de Nadjá. A gentil menina já se não sentia triste, e embora se lembrasse muito de seu velho pai, sentia que mais doloroso lhe seria apartar-se de Águia Negra.

Certo dia, em que ambos se encontravam sós, Ele declarou-lhe que a amava e que queria fugir da tribo, com ela, para longe do Far-West, tornar-se cristão e desposá-la. Abraçaram-se muito contentes e combinaram fugir naquela mesma noite. Nisto uma sombra caiu sobre a russa, que tombou para o solo com um punhal cravado no seio. Fora a vingativa Flôr da Campina, que tudo tinha escutado, quem assim se vingava da sua adorável rival. O belo guerreiro vermelho tomou a noiva nos braços e saltando para o seu cavalo, galopou em direcção do «rancho» de Alexandre Artoff. Porém a cinzenta pele-vermelha correu a avisar o chefe da fuga do filho.

Logo Serpente Dourada, seguido de cem guerreiros, correu em perseguição dos fugitivos que, felizmente, levaram já um grande avanço. Águia Negra temia cair nas mãos dos seus perseguidores, quando se encontrou com um bando de cavaleiros, que vinham em sentido oposto. O mais velho de todos, o que parecia o chefe, ao ver o pálido rosto da linda rapariga, gritou:

— Nadjá! Minha querida filha!

Era o pai da formosa joven, que, depois que esta desaparecera, fazia, todos os dias, pesquisas, de resultados até, então, inúteis.

Depois de uma breve escaramuça, entre os perseguidores e os salvadores de Nadjá, os peles-vermelhas fugiram, e Águia Negra conseguiu pôr a salvo a sua preciosa carga. Semanas depois, Nadjá, seu pai, seu noivo e os criados abandonaram o Far-West, indo habitar na Rússia, onde, pouco depois, se realizava o enlace da formosa Nadjá com o joven Jorge Caroff, nome que o antigo Águia Negra tomara.



— Com certeza? — perguntou o rei desconfiado.

— «Palavra de honra», — disse o honrado homem, mentindo, pela primeira vez na sua vida, mas para dissipar as suspeitas do rei.

Este, satisfeito e confiado, mandou-o retirar, e, depois, disse, contente:

— E, agora, venha cá outra vez o feiticeiro dizer, que o príncipe, meu filho, casará com a menina do sinal; e deu uma risada horrorosa, que mais terrível ainda o tornou.

Como se enganava o rei!...

Dezoito anos são passados. O rei Jorge está já muito velho e cada vez pior para o seu povo, que o detesta cada vez mais. Ao contrário do príncipe João, que é adorado por todos, pelo seu carácter nobre e bondoso. Entretanto, a creancinha, que o rei julgava morta, era, agora, uma menina de 18 anos, linda como uma manhã de primavera.

Vivia feliz em companhia daquela boa gente, que a tratava como filha. Chamava-se Suzel. De tempos, a tempos, o bom António ia visita-la, e ela tinha-se-lhe afeiçoado muito, pois era muito boa e meiga.

Uma tarde, andando o príncipe João à caça, ouviu um grito. Caridoso como era, correu imediatamente para o sítio onde o tinha ouvido.

O que se deparou aos seus olhos, era horroroso; uma jovem, debatia-se, allita, contra uma terrível serpente, que procurava mordê-la. João, correu para ela, e, desfechando um tiro, logo matou a serpente.

Suzel, (pois era ela), depois do tremendo susto que apanhara, desmaiou nos braços do príncipe. Então, João, levou-a para junto de uma ribeira, que corria próxima, e mostrou-lhe as fontes para a reanimar, porém, Suzel, com a luta que tivera com a serpente, tinha o vestido rasgado, e,

num dos seus ombros, ativos de neve, via-se um lindo sinal em forma de estrela.

Quando recuperou os sentidos, agradeceu reconhecida ao seu salvador. O príncipe perguntou se queria que a acompanhasse, ao que ela se esquivou, agradecendo muito.

João foi para o palácio, mas não mais pôde esquecer-se da linda jovem que salvara. Entretanto, o rei, seu pai, andava muito doente, e, os doutores abanavam a cabeça, desalentados a um tempo, mas, também, satisfeitos, pois, morrendo o rei, acabaria aquela escravidão a que votava o seu povo.

Vendo-se assim tão doente, o rei Jorge mandou chamar o príncipe e disse-lhe:

— Meu filho, estou muito mal creio que breve morrerei e tu suceder-me-hás. Sê como eu severo e ríspido para que o teu povo te respeite e te seja submisso. Agora o que eu queria antes de morrer era ver-te casado. O príncipe levantou os olhos para seu pai, mas conservou-se silencioso.

— Acaso não te agradaria a princesa Orphande filha do rei Luís, nosso vizinho? continuou o rei.

— Não, meu pai, Orphande não me agrada, respondeu João.

— Não te agrada? Então a princesa Olga que também será herdeira dum enorme reino, por morte do rei, seu pai, ou também não te agrada? disse entre irónico e colérico o rei.

— Meu pai, respondeu o príncipe, não penso em casar, por agora, como meu pai também não morrerá tão cedo, ainda viverá muitos anos, e dizendo isto o príncipe pediu para se retirar, e pensando em Suzel montou a cavalo e foi ter ao mesmo sítio onde a encontrara. Baldados esforços, a jovem que tanto o encantara, não mais a veria, talvez. Desolado, João regressou ao palácio.



— Que devia fazer? Dizer ao rei que só queria casar com a jovem que salvara? Mas isso era uma loucura, pois seu pai vaidoso e mau como era já jamais consentiria que ele casasse com uma plebeia. Encontrava-se entregue a estes pensamentos, quando sentiu passos ao pé de si. Voltou-se e viu Antonio o mordomo, que o conhecera creança e que sempre o amimara.

— Que tendes, príncipe João? Há uns dias que vos noto triste, que desgosto tendes? Bem sabeis como gosto de vós, e por isso podeis contar-me os vossos desgostos que estarão tão bem guardados como em caixa fechada. Então o príncipe contou ao bom mordomo o encontro que tivera e como salvara a pobre menina.

— Nunca mais a vi, continuou o príncipe, mas só com ela queria casar e o que é interessante é que ela tinha um sinal em forma de estrela no ombro direito. Quando isto ouviu, Antonio não pôde reter uma exclamação de espanto.

— Ah! é Suzel!...

— Conhece-la? perguntou precipitadamente o príncipe.

— Sim, conheço, tartamudeou o bom mordomo, é... minha afilhada. Vossa afilhada? Então porque é que nunca me falas-te dela? e não a trouxestes cá ao palácio?

Antonio não sabia que responder. Contar tudo ao príncipe João? ou guardar segredo? mas não lhe tinha ele sido franco? Por fim resolveu-se a contar a verdade.

Pois bem, escutai-me! e por sua vez Antonio contou a triste história da pobre menina.

— Bem vêdes, disse no fim, porque a não posso trazer ao palácio, pois o rei vosso pai se soubesse que eu não tinha cumprido as suas ordens, mandar-me-hia matar. Não me atreveria mesmo a contar-vos isto, se não vos ouvisse há pouco tempo dizer que só casaríeis com ela.

— Sim, disse o príncipe, disse-o há pouco e di-lo-hei ao rei meu pai.

Enquanto isto se passava o rei Jorge estava furioso com a atitude do príncipe. Ele sempre tão dócil e submisso, recusava-se a casar com quaisquer das princesas que lhe dera a escolher? É certo que o feiticeiro dissera que ele só casaria com uma rapariga do povo, mas essa que ele dissera

estava morta e bem morta, pois não a tinha ele mandado matar? E assim pensando, o rei mandou outra vez chamar o feiticeiro. Este porém disse as mesmas palavras que havia dito há 18 anos.

— Mas isso é impossível, exclamou o rei, e portanto o meu filho não pode casar com ela, visto que ela está morta.

— Real senhor disse o feiticeiro, mantenho o que disse, essa rapariga de que vos falei, não morreu, goza de perfeita saúde. O rei ficou desesperado e ordenou que trouxessem á sua presença o mordomo Antonio. Assim que ele veio á sua presença, perguntou-lhe trememente de cólera.

— Que fizestes á creança que eu te confiei, há 18 anos para matares?

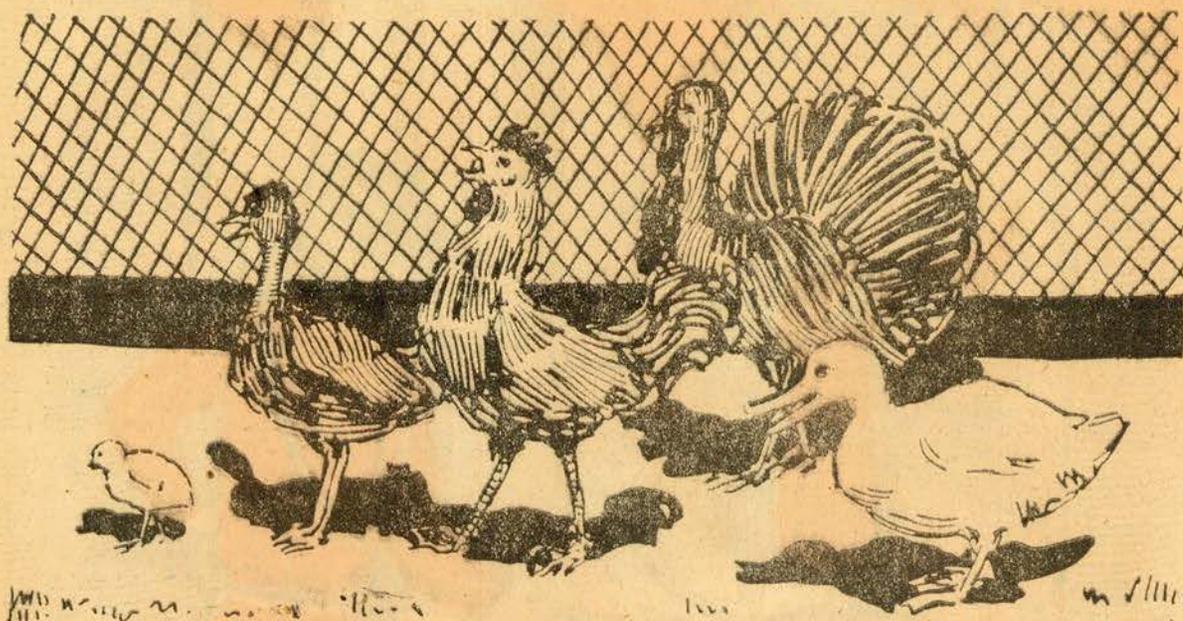
— Saiba vossa real magestade, que cumpri as ordens que me deu, respondeu Antonio.

— Mentis, gritou o rei, essa rapariga vive e quero que me digas imediatamente onde é que ela está, ou mando-te matar. Antonio antes queria morrer que entregar Suzel a quem amava como filha, por isso guardou silêncio. O rei vendo a sua atitude, ordenou que o levassem e fôsse executado nessa madrugada. O velho mordomo deixou-se levar sem opôr resistencia alguma.

— Que fazer? Antes morrer ele que a pobre menina, tão boa e tão meiga. O rei, porém, depois de tanto se exaltar sentiu-se pior. Pela madrugada morreu no meio de atroz sofrimento. João chorou convulsivamente sobre o cadaver do seu pai, a quem amava imenso quando ouviu um tiro de peça, o que denotava que alguém ia ser executado.

Sem saber porquê, estremeceu violentamente e perguntou o nome do condenado. Quando soube que era Antonio, montou a cavallo e chegou no momento em que este ia morrer.

— Suspendei! gritou o príncipe, o rei Jorge acaba de expirar, quem vos governará agora, sou eu. Soltem esse homem. Quando o povo soube que o seu cruel senhor morreria ficou contentíssimo. Imediatamente Antonio foi solto. O príncipe regressou ao palácio e passado tempo, casou com Suzel, a celebre menina do sinal. E assim se cumpriu a profecia do feiticeiro.



Simfonia da capoeira

Por CAMPOS DE FIGUEIREDO

Desenho de EDUARDO MALTA

DE manhãzinha.
Na capoeira.
Diz a galinha
Desta maneira:

Sempre a pôr... sempre a pôr...
Sempre a pôr... sempre a pôr...
Sempre a pôr... e descalça!
Sempre a pôr... sempre a pôr...
Sempre a pôr... e descalça!
Sempre a pôr... e descalça!!!!

Com sua crista,
Como um fadista,
Como um flautista,
Todo contente
De a vêr assim
Pôr tantos ovos,
O galaróz,
Levanta a voz
Como um clarim,
E canta assim:
Dou-te uns sapátos nõ...õ...õ...vos!

E de cristita
Mais pequenita,
E assim a modos
De berbigão,
O franganito,
No carrapito
Duma porção
De mato e areias,
Bate as asitas,
Já de penitas
A pintalgar,
Para cantar:
— E eu dou-te umas m...e...e...ias!

O pintaíinho
Encolhidinho
Ali a um canto,
Com muito frio,
Diz no entanto:
— Nem pio! nem pio! nem pio!...

O peru velho,
Ali ao lado,
Todo emproado,
Eriça as penas,
Stende o pescoço
Ao alto e à frente,
Com movimentos
Duma serpente,
E, com seus modos,
Cheio de orgulho,
Diz para todos:
*— Eu não quero barulho!
Eu não quero baru...u...u...lho!*

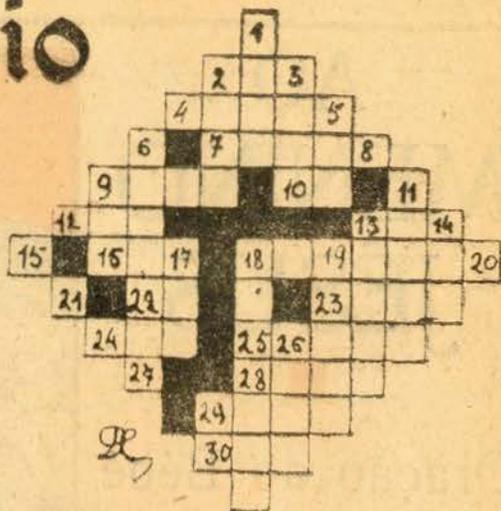
Então o pato,
Que é mais pacato,
E está com medo
Dum desacato,
Alarga e aperta
O bico chato,
Que é como a ponta
Dumas tenazes
E diz assim:
*— Então que há?
Que há? que há?
Que gente má!
Que gente má!
Façam as pazes!
Façam as pazes!*

Hora do Recreio

Palavras cruzadas



MANUEL CABRAL CALVET DE MAGALHÃES



HORISONTAIS:

1, vogal doce. — 2, pronome pessoal. — 4, tramar. — 6, artigo. — 7, romance histórico. — 9, planalto da Asia. — 10, contracção de duas palavras. — 11, consoante. — 12, parte dum chapéu. — 13, astro. — 15, aquele. — 16, vazia. — 18, para limpar os pés. — 21, aquela. — 22, interjeição de dor. — 23, observe. — 24, filreira de pessoas. — 25, modelo. — 27, artigo masculino. — 28, já se disse. — 29, extensão de terreno com arvores em abundância. — 30, já se foi.

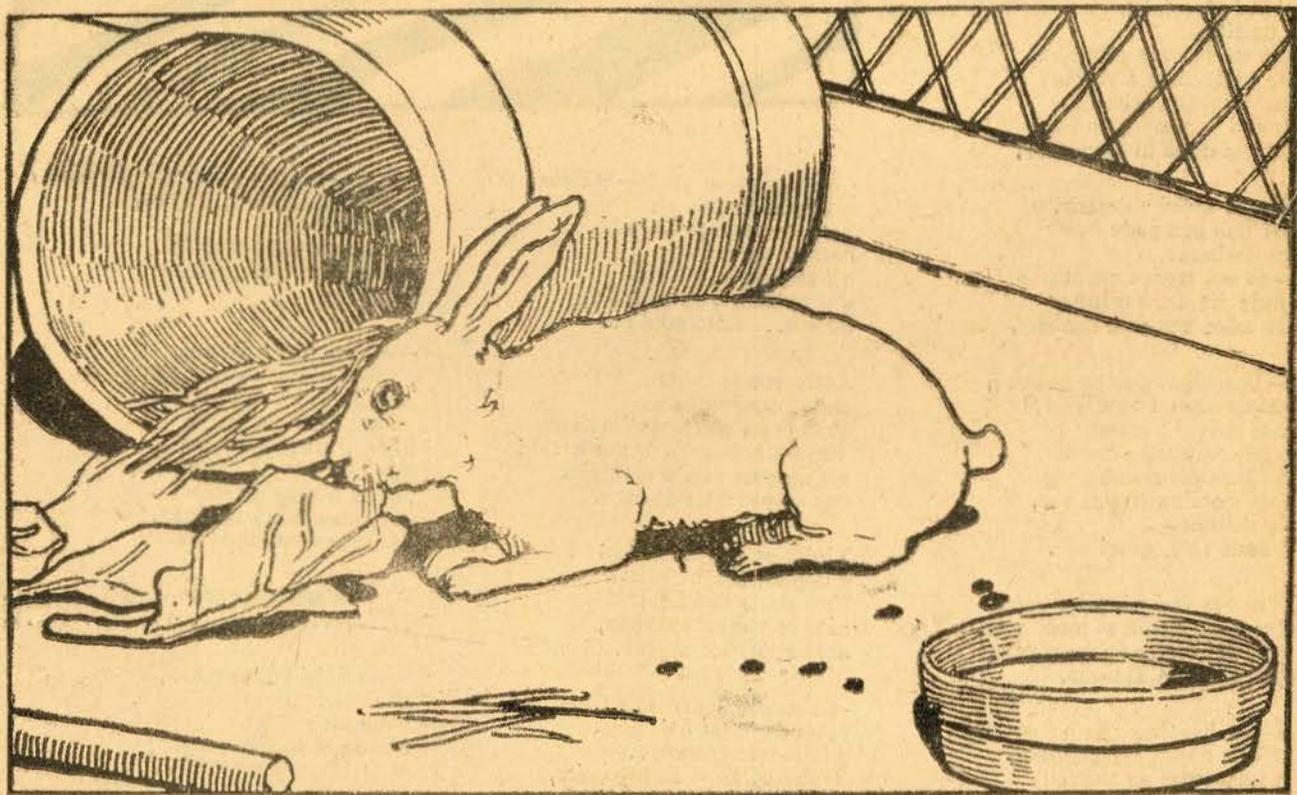
VERTICAIS:

1, nome de mulher. — 2, lugar solitário. — 3, lugar onde se seccam cereais. — 4, vogal. — 5, grande curso de agua. — 6, profecia paga. — 8, artigo masculino. — 9, ilha portuguesa. — 11, pedra. — 13, cantico sagrado. — 14 pronome. — 17, dama de companhia. — 18, dominio. — 19, entrada duma casa. — 20, vogal. — 26, algarismo. — 29, nota musical.

Domingos Coudado

SOLUÇÃO DO PROBLEMA ANTERIOR

PARA OS MENINOS COLORIREM



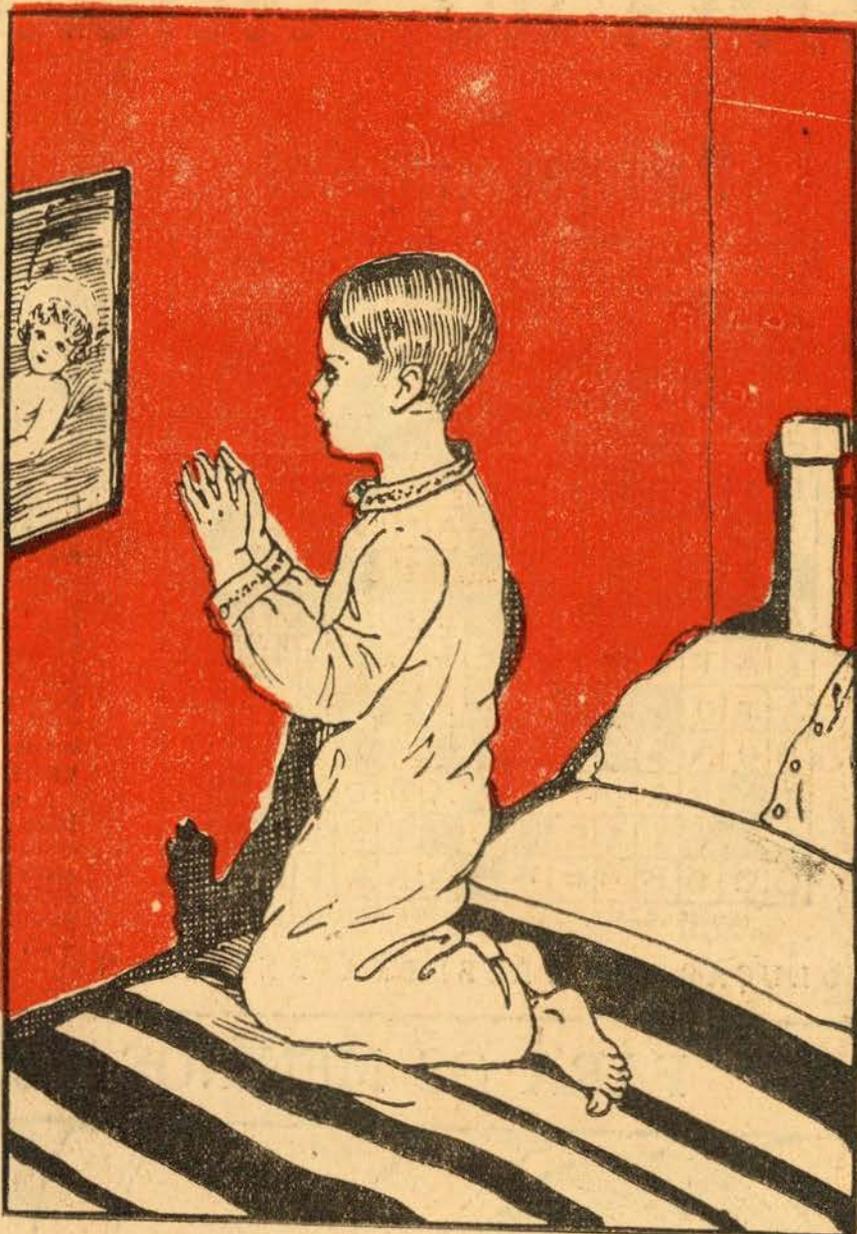
AO MENINO JESUS

Oração do Bêbé

POR

VIRGÍNIA
DE MONTALVÃO
E ALPOIM

Desenho de
ED. MALTA



PADRE-NÓSSO pequenino,
quando Deus era menino,
punha o pé no seu altar..."

— Meu Jesus, meu irmãozinho,
'squeceu-m'o resto, perdão.

— Foi a'vozinha,
ã tardinha,
que na sua voz velhinha
me ensinou esta oração;
mas a minha cabecinha
já não se lembra do fim;
ai, que dirás tu de mim...

Estava quasi a dormir,
por isso não pude ouvir
muito bem;
— no seu regaço quentinho
'inda fiz um ó-ózinho
De mãos nas dela também,

— Desculpa, que eu amanhã,
hei-de aqui virt'a rezar,
e se deixar a mamã,
o meu dinheiro irei dar,
ã Liana pòbrezinha,
que mora no fim da rua,
coitadinha,
e anda rôta, quasi nua.

P'ra um «pó-pó» eu o tinha,
guardado desde os meus anos,
pois foi a prenda dos manos,
da Juju e da Tininha,

— Tu hás-de pagar-me um dia...
— Diz o meu coraçãozinho
a trasbordar de alegria,
que, no Natal,
porás no meu sapatinho,
um igual.

— Sabes quem sou? — O Bêbé.
Eu tenho 5 anos já,
Sempre obedeço ao papá,
decoo o a e o é;
o i ensinou-m'o a Né,
o o já ando a aprendê-l'o,
Só o u... falta sabê-l'o

Agora vou-te contar,
certo pecado que fiz
quando há pouco no jardim
'stava a brincar, por um triz
me zanguei com a maninha
que se pôs a rir de mim.

Tinha os óculos da Avó
e depois, não os parti?
Pois ela, a feia Lóló,
nem os vidros apanhou,
nem a isso me ajudou.

— E venho contar-te a ti
antes de fazer ó-ó,
a falta que cometi...
Tenho-os ali — na algibeira,
quebrados,
esmigalhados,
como nem fazes ideia...

— Tu desculpas a maldade do Bêbé?
A avózinha alquebradinha,
tão velhinha,
não me ralha; tenho Fé
na sua mão que abençoa
e perdôa...

— Boa noite te desejo,
e adeus que me vou deitar:
meu Jesus eu dou um beijo
no teu rosto de Luar!
Pede à tua Mãe-divina
que esta oração pequenina,
ponha n'alma do Bêbé,
para amanhã, à noitinha,
t'a rezar com muita Fé...

Irmãozinho, vou dormir.....
.....

Nisto Bêbé adormece...
E a sorrir
a dormir
um Anjo do Céu parece!

Fim